**NO ALTAR DA VIDA**

**SANTIDADE É VOCAÇÃO DE TODOS**

 **(PARTE II)**

Maria Carmem Castanheira Avelar[[1]](#footnote-1)

Ambiguidades no caminho da santificação

Existem muitas incompreensões  a respeito da santidade. E dos santos também. Algumas biografias são responsáveis por uma perspectiva unilateral  e até mesmo deturpada em relação à santidade. Muitos exageros foram cometidos na escolha de itinerários de santificação como, por exemplo, a visão reducionista  da ascese da renúncia de si, provocando inclusive a rejeição da própria identidade. Quanto pessimismo e negatividade, alienação e fuga da realidade! Alguns destes equívocos continuam presentes, mesmo que tenha havido um esforço insistente para o desenvolvimento de uma espiritualidade integradora. Felizmente, orientadores espirituais da atualidade têm ajudado, por meio de uma abordagem mais humanizadora, a superar influências negativas de tendências unilaterais. Passo, então, a considerar certas ambiguidades que prejudicaram o projeto de maturidade cristã, deixando sequelas ainda constatadas em nossos dias. Junto com as reflexões sobre estes descaminhos, procurarei indicar melhores fomos de crescer na vivência espiritual, evitando enfoques  reducionistas.

Isolamento ou recolhimento interior para aprofundar a união com o Pai?

Quanto mais distante dos outros, demonstrando capacidade em suportar o isolamento, mais santo, supunha alguns. Lembro-me de uma oração que me ensinaram, propondo alto ideal de santidade: *"[...] que eu seja, com exceção de vós, Senhor, esquecida por todos*"! Ser esquecida  de todos, isolamento excessivo, pouquíssima ou nenhuma comunicação indicava para alguns  louvável empenho  no caminho da perfeição. A pergunta: É possível ser feliz sozinho? Pode ser, neste contexto, respondida positivamente. O silêncio, cultivado, exageradamente, era  uma das marcas de santos e santas. Santos sérios, frios, provavelmente incapazes de lidar com as próprias emoções, eram considerados modelos de santidade. Diante desta constatação, mas a partir de uma visão humanizadora, pergunto: o  afastamento dos outros e a prioridade do silêncio são de fato distintivos da radicalidade no seguimento de Jesus Cristo? É este o exemplo que Ele nos deixou? Seriam estes seus principais sentimentos?

É claro que não temos o direito de julgar a quem pensa ter se  santificado, priorizando o alicerce do recolhimento. Além do mais, o  silêncio, muito valorizado, especialmente na  vocação monacal, pacifica e unifica o ser e o predispõe a relações de profundidade. Com certeza, o silêncio do coração, no sentido bíblico e ascético de apaziguamento e de liberdade interior, é determinante na edificação do homem e da mulher novos: "*Não se perturbe e nem intimide o vosso coração*" (Jo 14,27).

1. Professora da PUC-Rio e do ISE-Censa. Religiosa, doutora em Teologia Sintemático-Pastoral pela PUC-Rio. Mestre em Psicologia da Educação pela FGV-RJ, especializou-se em Espiritualidade pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. [↑](#footnote-ref-1)